



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,
Luiz Inácio Lula da Silva, ao Jornal do Commercio, de Pernambuco**

Publicada no dia 5 de setembro de 2008

Jornalista: Em seu primeiro discurso como presidente eleito, o senhor afirmou que se, ao final do mandato, todos os brasileiros tivessem como tomar café da manhã, almoçar e jantar teria cumprido a missão de sua vida. Mas a fome persiste entre os brasileiros, confirmando a denúncia de Josué de Castro de que a fome é um flagelo fabricado pelos homens, contra outros homens. Por que o governo não consegue vencer esse mal?

Presidente: O Brasil está vencendo a fome. Numa ação conjunta dos governos federal, estaduais e municipais e a sociedade, o País vem resgatando uma dívida social histórica com a população mais pobre. O governo federal nunca investiu tanto na área social. Em 2003, destinamos R\$ 11,4 bilhões para os programas de assistência social, segurança alimentar e transferência de renda. Em 2008, estão previstos R\$ 28,5 bilhões. Mais do que o dobro de cinco anos atrás. E os resultados já aparecem: entre 2003 e 2006, a redução da pobreza foi de 31,4%. Catorze milhões de pessoas superaram a condição de miséria. A concentração de renda no país atingiu, em 2006, o menor índice dos últimos 30 anos. O Bolsa Família, presente em 11 milhões de lares, foi responsável por 21% da queda da desigualdade. De acordo com o último Relatório de Desenvolvimento Humano da ONU, o Brasil ficou, pela primeira vez, no grupo de países de alto desenvolvimento humano. O Bolsa Família, o crescimento do emprego, o aumento do salário mínimo e a baixa inflação são os principais motivos para este desempenho nos últimos três anos. Além disso, a desnutrição infantil caiu de 1996 a 2006, de 13% para 7%. A redução mais



expressiva foi justamente no Nordeste: de 22% para 5,9%. De 2004 para 2006, a redução da vulnerabilidade à fome, que os técnicos chamam de insegurança alimentar grave, caiu 25%. Ou seja, a insegurança alimentar grave está se tornando moderada porque há mais comida nos lares onde há programas de transferência de renda. Entre as crianças beneficiárias do Bolsa Família, por exemplo, 94% fazem três ou mais refeições por dia. Isso não quer dizer que não existem problemas, mas mostra que estamos empenhados em resolvê-los. É com comida na mesa todos os dias que se começa efetivamente o caminho para a cidadania.

Jornalista: O Bolsa-Família aumentou o acesso da população mais pobre à alimentação. Mas o programa não conseguiu reverter a condição de miséria desses brasileiros. Como garantir que essas famílias tenham condições de um dia viver sem a ajuda do governo?

Presidente: Quando criamos o Bolsa Família ouvi muitas críticas que diziam que o programa era esmola, que nós devíamos fazer estradas. Eu sempre disse que, se eu tiver que escolher entre fazer um viaduto e encher a barriga das nossas crianças, vou primeiro cuidar da fome. Por isso chegamos ao Bolsa Família, que tem o objetivo imediato de combater a fome e assegurar a presença das crianças e adolescentes na escola. Os números que eu citei na pergunta anterior mostram que o programa tem tido um peso importante na redução da miséria. A verdade é que o Bolsa Família tem dado às famílias pobres as condições iniciais de se reestruturarem para buscarem a reinserção no mercado de trabalho. O governo tem feito a sua parte ao garantir as condições para o Brasil crescer como não vinha fazendo há muitos anos. Com a economia aquecida, aumenta o consumo e a oferta de empregos. E é com a geração de novos empregos que os beneficiários do Bolsa Família começam a



dar o salto para melhorar de vida e deixar de depender da transferência de renda do governo. Desde 2003 já são 9,8 milhões de empregos formais gerados no País. E eu gostaria de dizer aqui que, ao contrário do que se dizia antes, os beneficiários do Bolsa Família não se acomodam. Dados do IBGE apontam que 77% das famílias beneficiadas pelo Bolsa Família procuram empregos contra 74% das que não participam do programa. O ministro Patrus Ananias me disse recentemente que todo o dia recebe dezenas e dezenas de cartas de pessoas devolvendo o cartão do programa porque não precisam mais da ajuda. Para incentivar ainda mais a entrada dos beneficiários do Bolsa Família no mercado de trabalho, o governo federal criou este ano o Plano Setor de Qualificação do programa, que vai, num primeiro momento, capacitar 185 mil beneficiários na área da construção civil para empregá-los nas obras do PAC em ocupações como as de pintor, azulejista, encanador, carpinteiro, mestre de obras, desenhista, eletricista, operador de trator, gesseiro, auxiliar de escritório e almoxarife. O setor da construção civil está sendo o primeiro neste processo por estar em plena expansão no País, mas a nossa idéia é levar esta parceria também para outros segmentos.

Jornalista: Embora os recursos para a agricultura familiar tenham crescido nos últimos anos, o setor agrícola do País ainda concentra seus grandes investimentos no agronegócio. Inverter essa lógica não seria um caminho mais estruturador para enfrentar o problema da fome?

Presidente: É preciso entender que temos mais de um caminho a seguir. E um caminho não exclui o outro. Apresentamos, em julho passado, o mais sólido plano de safra para a agricultura brasileira, envolvendo tanto a agricultura empresarial quanto a agricultura familiar. É um Plano Safra que envolve R\$ 78 bilhões, sendo R\$ 65 bilhões para o agronegócio e R\$ 13 bilhões para a



agricultura familiar. São investimentos recordes. Ora, se nós temos terra, temos agricultores, temos tecnologia, temos água e temos sol, nós temos que usar todos os recursos e todos os caminhos. Agora, essa estruturação da agricultura familiar que você fala é realmente de fundamental importância e já está em pleno andamento. Faltava financiamento, mas nós temos hoje possivelmente o mais relevante programa de financiamento de máquinas e implementos agrícolas para os trabalhadores rurais da agricultura familiar. O nosso Plano Safra Mais Alimentos foi criado justamente para reestruturar de imediato as propriedades da agricultura familiar. Isso acontece com mais assistência técnica, financiamento a juros baixos, política de preços e disseminação da tecnologia no campo. Além disso, serão mais R\$ 25 bilhões de financiamento do BNDES até 2010. O agricultor terá uma linha de financiamento de até R\$ 100 mil, com juros de apenas 2% e o longo prazo de 10 anos para pagar. Os recursos para assistência técnica, por exemplo, aumentamos em 230%. Vamos financiar 60 mil tratores para os pequenos agricultores do País. Trata-se de uma verdadeira revolução. O agricultor vai comprar um trator de 75 cavalos, pagando cerca de R\$ 10 mil a menos que o preço de mercado. Também não podemos esquecer que acabamos de criar a Petrobrás Biodiesel, que tem como um dos pilares o desenvolvimento da agricultura familiar no nosso país. É por tudo isso que eu tenho certeza absoluta que a agricultura familiar pode oferecer resultados rápidos no aumento da produção, com o crescimento da produtividade, em muitos dos itens da cesta básica. Esta será uma das maiores safras da história, com produção recorde, e com o crescimento expressivo da agricultura familiar para ajudar a enfrentar a crise nos preços dos alimentos. Esse é um dos rumos que estamos seguindo.

Jornalista: Instituições como o Ibase e o Consea são consensuais em afirmar que o cultivo da cana-de-açúcar para a produção de etanol pode causar prejuízos à segurança alimentar do brasileiro. Por outro lado, o senhor mesmo



já afirmou que os usineiros deixaram de ser vistos como vilões para serem heróis, "porque todo mundo está de olho no álcool". Como aproveitar o momento favorável para os biocombustíveis, sem reproduzir os erros do passado, fruto de um modelo de monocultura excludente e amparado pelo Estado?

Presidente: O Brasil há muito tempo deixou de ter um modelo de monocultura. O País, por reunir todas as condições de um grande produtor agrícola (clima, terra, tecnologia, gente qualificada e estrutura de produção) mostrou sua capacidade de trabalhar com diversas culturas e se tornar auto-suficiente em quase todos os produtos agropecuários. A safra brasileira de grãos não pára de bater recordes e aponta crescimento de quase 10% no ciclo 2007/2008, atingindo 143 milhões de toneladas. Tudo isso mostra que a produção de alimentos no Brasil continua sendo prioridade, é capaz de abastecer todo o mercado interno e ainda tem conquistado cada vez mais o mercado internacional. Os números provam que não há competição entre alimentos e biocombustíveis. A cana-de-açúcar, nossa principal matéria-prima para produção de biocombustíveis, ocupa menos de 2% das terras agricultáveis. Deste total, metade é usada na produção do etanol e o restante vai para a fabricação de açúcar. Mesmo que esta produção dobre, ainda sim as plantações de cana irão ocupar uma parte muito pequena das áreas disponíveis no País. Também é importante saber que o governo está fechando uma política para o plantio de cana. Está em fase final esta discussão feita com base num estudo, o Zoneamento Agroecológico da Cana, que dará as diretrizes para o governo delimitar onde se poderá plantar a cultura considerando a sustentabilidade econômica, social e ambiental. A cultura da cana pode e já está prosperando em áreas degradadas de pastagens. Ou seja, com ganho de produtividade, o País pode crescer a produção de cana sem reduzir a de carne ou de qualquer outro produto agrícola.



Jornalista: Josué de Castro é um nome de referência no mundo para aqueles que estudam a fome como um fator político. Mas o que a política tem a aprender com Josué de Castro?

Presidente: Como um pioneiro na luta pelo direito à alimentação, Josué de Castro nos ensinou que a vontade coletiva de uma nação pode e deve superar a injustiça social. Ao desvendar a verdadeira face da fome, ele nos mostrou que combater esse mal não pode ser apenas uma opção administrativa de um governante, mas, antes de tudo, um dever político, um compromisso para tornar a democracia política também uma democracia social. No Brasil, existiu por muitos anos – e, infelizmente, ainda resiste em muitos lugares – uma lógica perversa de utilizar os mais humildes em proveito de uma minoria de privilegiados. Tirava-se proveito da pobreza, da urgência e da fome, para ganhar eleições e perpetuar a situação. O combate à pobreza não entrava verdadeiramente na agenda do Estado, era apenas mais um processo que deveria ser resolvido espontaneamente pelo mercado. Mas a desigualdade, o Josué de Castro nos ensinou, não pode ser tratada como um destino, uma realidade imutável para os excluídos. Seus pensamentos e obras são importantes inspiradores da atual Política de Segurança Alimentar e Nutricional, que transformou o direito à alimentação em Política Pública de Estado. Um pequeno reconhecimento da sua importância é criação do Prêmio Josué de Castro de Boas Práticas em Gestão de Projetos em Segurança Alimentar e Nutricional, em homenagem ao centenário do seu nascimento.

(\$31DHKL)